



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

EDVAILDO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR

**A MORTE E O MORRER NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
ENFERMEIROS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

EDVAILDO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR

**A MORTE E O MORRER NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
ENFERMEIROS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Enfermagem da Universidade da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Eloíde André Oliveira

CAMPINA GRANDE - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva Júnior, Edvaldo Ferreira da.

A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros [manuscrito] : revisão integrativa da literatura / Edvaldo Ferreira da Silva Júnior. - 2016.

26 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.

"Orientação: Profa. Me. Eloíde André de Oliveira, Departamento de Enfermagem".

1. Formação acadêmica. 2. Morte. 3. Prática assistencial. 4. Estudantes de enfermagem. I. Título.

21. ed. CDD 610.730 69

EDVAILDO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR

**A MORTE E O MORRER NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
ENFERMEIROS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de Graduação em Enfermagem da
Universidade da Paraíba em cumprimento à
exigência para obtenção do título de Bacharel
em Enfermagem.

Aprovado em: 18/05/2016.

Banca examinadora:

Orientadora: _____



Profª. Ms. Elóide André Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Membro I: _____



Profª. Dra. Gabriela Maria Cavalcanti Costa

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Membro II: _____



Prof. Ms. William Alves de Melo Júnior

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo aos meus pequenos e marcantes pacientes, principalmente por aqueles que já fizeram a temida “passagem”, da Oncologia Pediátrica do Hospital Universitário Alcides Carneiro, e a todos os discentes que, como eu, sofreram com a morte de um ser que se cuidava.

AGRADECIMENTOS

Sou grato ao Eterno Criador, por se mostrar presente em mim, me fornece suporte para minhas provas, e me indicar o caminho sempre que me encontrava perdido, ou achava está perdido.

Sou grato a mim, ao meu corpo, mente e Espírito, por ter me sustentado durante os 05 anos de cursos, entre as alegrias e os desesperos da vida de um discente universitário em busca de seu lugar ao Sol.

Sou grato à minha família, e a todos que em algum momento se comportaram como se fizessem parte dela. Sou grato à meus poucos mas fiéis amigos que tive a honra de fazer durante a graduação, os quais levarei para sempre em minhas memórias de dias marcados com risos e lágrimas.

Sou grato ao Corpo Docente que ajudou a lapidar essa joia (que cada dia fica mais preciosa e bela) da rocha semi-bruta. A todos, do mais presente ao mais ausente, eu sou profundamente grato; mas como tudo na vida, alguns marcaram mais profundamente.

Agradeço ao prof. *William Alves de Melo Júnior* pela real oportunidade de ingresso no mundo da pesquisa e da assistência ao paciente oncológico, e pela experiência que deu origem a esse trabalho; à profa. *Eloíde André Oliveira* por ter aberto meus olhos para a experiência docente, estando comigo quase como uma mãe durante o processo, e por ter feito a caridade de orientar esse Trabalho de Conclusão de Curso; ao prof. *Francisco Jomário Pereira* pela ajuda acadêmica na correção de meus trabalhos; e à profa. *Mayrla Lima Pinto*, por ter me incentivado a continuar no curso num período em que não percebia o colorido que hoje vejo. Aos quatro, em especial, agradeço por todo tempo investido em mim, da correção das vírgulas ao ombro amigo nos momentos de crise.

Agradeço a meus nobres colegas e aos pacientes da extensão “A laserterapia no tratamento e prevenção das complicações bucais em oncologia”, por seu apoio e valorização.

E agradeço, por fim, a M.A.S.C. por ter me mostrado o quanto precisava (e ainda preciso) aprender sobre o que a morte, e mais ainda, sobre a vida!

“Vou te encontrar vestida de cetim,
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho
Que eu quero e não desejo,mas tenho que encontrar
Vem, mas demore a chegar.
Eu te detesto e amo morte, morte, morte
Que talvez seja o segredo desta vida
Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida.”

Raul Seixas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	9
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
3.1 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES.....	15
3.2 VIVENCIANDO A MORTE E O ATO DE MORRER NA PRÁTICA ASSISTENCIAL	16
3.3 A MORTE E O MORRER NUMA DIMENSÃO PESSOAL.....	17
3.4 A MORTE E O MORRER EM SALA DE AULA	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	22

A MORTE E O MORRER NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

SILVA JÚNIOR, E. F.¹

RESUMO

INTRODUÇÃO: O ato de morrer é um rito pelo qual todo ser vivente uma dia passará. Percebe-se que a morte não é um mero evento biológico e inevitável, mas sim um processo socialmente construído, com implicações diretas ao moribundo, à sua família e àqueles que o assistem. **OBJETIVO:** analisar como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, cuja busca foi realizada no sítio da Biblioteca Virtual de Saúde, nas bases de dados LILACS, MEDLINE, BDNF, e Index Psicologia, segundo critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. **RESULTADOS:** Foram obtidos 17 artigos, dos quais, após exaustiva leitura e análise segundo Bardin, obtiveram-se 03 categorias temáticas, sendo elas: “vivenciando a morte e o ato de morrer na prática assistencial”, “a morte e o morrer numa dimensão pessoal”, e “a morte e o morrer em sala de aula”. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O estudante de Enfermagem Brasileira está sendo formado despreparado para lidar com a morte e o morrer devido à carências acadêmicas, resultando em profissionais com dificuldades ao lidar com a morte e o morrer.

Descritores: Estudantes de Enfermagem; Morte; Atitudes frente à morte

1 INTRODUÇÃO

O ato de morrer é um rito pelo qual todo ser vivente uma dia passará. Percebe-se que a morte não é um mero evento biológico e inevitável, mas sim um processo socialmente construído, com implicações diretas ao moribundo, à sua família e àqueles que o assistem (ELIAS, 2001; KUBLER-ROSS, 2008). Devido a essas representações sociais, a morte tende

¹ Discente da Graduação em Enfermagem na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I
E-mail: edvaildojr@gmail.com

a ser ignorada, escondida e tratada como tabu. O morrer é permeado por estigmas e preconceitos que envolvem uma série de elementos e persecutórios que aterrorizam o homem, dentre eles o medo do sofrimento ao longo do processo faz com que o processo de morrer seja mais temido que a própria morte (OLIVEIRA; SANTOS; MASTROPIETRO, 2010).

Didaticamente, chama-se de “morrer” todo o processo que culmina no óbito de um indivíduo, e de “morte” a sua passagem, o cessar das funções orgânicas, o óbito propriamente dito. Kubler - Ross (2008), a psiquiatra que primeiro estudou o tema, afirma que o processo de morrer é composto por 05 etapas relativas (raiva, negação, barganha, depressão e aceitação), que representam mecanismos de defesa psíquicos para enfrentar o nebuloso processo de morrer, em que os conflitos (de ordem emocional, psicológico, físico, social, espiritual entre outros) afetam o paciente. As etapas são ditas relativas pois não possuem ordem cronológica, podendo o paciente vivenciar mais de uma fase por vez, ou mesmo não vivenciar algumas durante o processo.

Em nossa realidade, a morte ocorre principalmente nos hospitais, sendo assistida por profissionais de saúde que vivenciam o conflito de ter a responsabilidade pelo cuidado do cliente em processo de morrer e a vontade de curar e restabelecer a saúde de todos a quem a cura é dita como impossível (MOTA et al., 2011).

No contexto hospitalar, a equipe de enfermagem mantém uma relação diferenciada com pacientes que vivenciam a terminalidade e seus familiares, haja vista que diferentemente do que se acredita, tais clientes possuem uma grande demanda de cuidados. Assim, a equipe de Enfermagem é aquela que está em maior contato direto e prolongado com o cliente, e, em geral, estabelece vínculo afetivo com o moribundo e sua família (SANTOS; HORMANEZ, 2013). Mesmo sendo esses os profissionais que mais tenham contato com o processo de morrer e a morte, eles não possuem um conhecimento consistente sobre a temática. A literatura concorda que há um despreparo acadêmico sobre a morte e o morrer, que corrobora para a manutenção de sentimentos de culpa e de frustração, tão como o distanciamento entre a equipe de enfermagem e o paciente, causando uma falha na prestação do cuidado singular/integral tão almejado pela Enfermagem (SOUSA et al., 2009).

A respeito do despreparo acadêmico, Santos e Hormanez (2013) afirmam que como consequência desse déficit o profissional, ao se deparar com a morte, experimentará decepção e impotência. Também associa a ausência desse conteúdo devido a concepção de que o objetivo do cuidar é a cura, dificultando que o discente compreenda e valorize as demais dimensões do atendimento oferecido ao doente.

Diante do exposto, o presente estudo objetivou analisar a produção científica sobre

como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. A revisão integrativa consiste na construção de uma análise ampla da literatura, podendo incluir estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado, sendo por isso, considerada a forma mais ampla de revisão de literatura (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2009). O método da revisão integrativa foi escolhido pois permite a inclusão de vários estudos com diferentes delineamentos metodológicos, aumentando a profundidade e a abrangência das conclusões deste trabalho. Além disso, quando a revisão é elaborada de forma crítica e ao se manter os padrões de rigor, clareza e reaplicabilidade das pesquisas que sumeriza e resume, ela torna-se um poderoso instrumento para as decisões do cotidiano do enfermeiro (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2009; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A pergunta norteadora dessa pesquisa foi “como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação?”. A coleta de dados ocorreu entre os meses de dezembro de 2015 e maio de 2016, empregando-se a técnica da busca manual, com posterior busca do artigo na *internet*, e da busca em bases de dados, sendo utilizado somente os artigos escritos por enfermeiros brasileiros por questão de acessibilidade.

Para a busca em banco de dados, empregou-se os descritores *morte*, *atitude frente à morte*, *cuidados de Enfermagem*, e *estudantes de Enfermagem*, combinados através do operador booleano “*and*”. Assim, fez-se as seguintes combinações: “cuidados de enfermagem” *and* “morte”; “atitude frente à morte” *and* “cuidados de enfermagem”, “atitude frente à morte” *and* “estudantes de enfermagem”, e “estudantes de enfermagem” *and* “morte”. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: LILACS, MEDLINE, BDENF, e Index Psicologia.

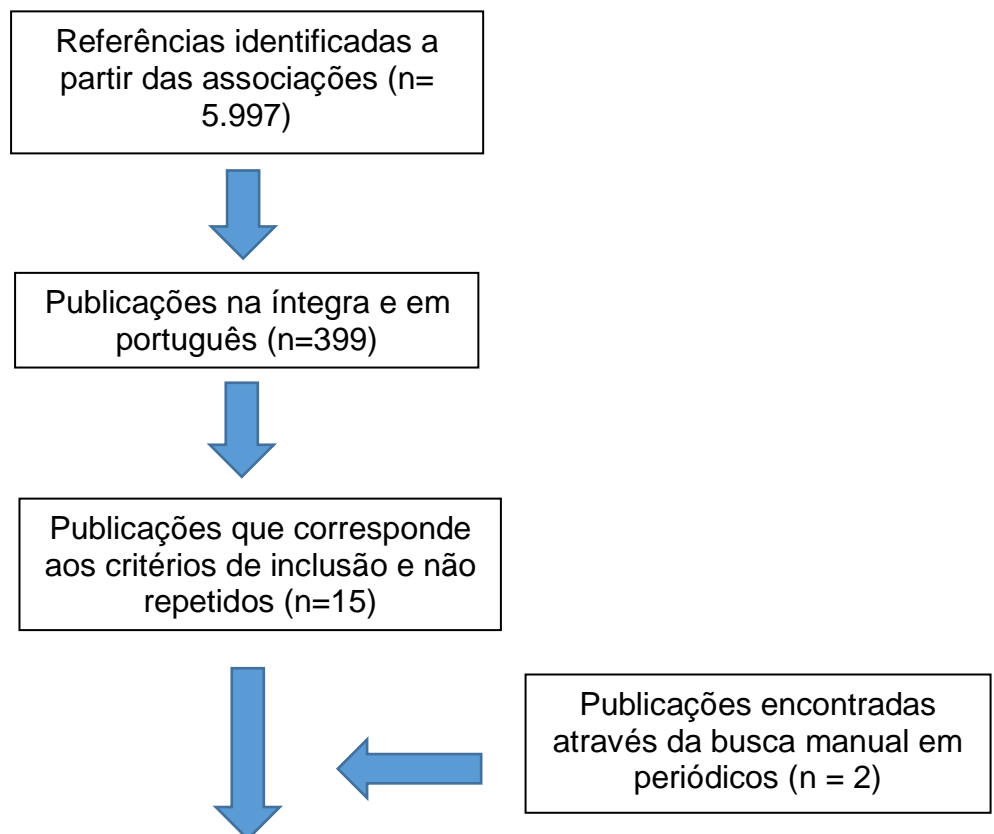
Quanto aos critérios de inclusão, tivemos: artigos publicados em periódicos brasileiros; ser estudo do tipo pesquisa de campo; texto completo disponível em suporte eletrônico gratuitamente; responder aos objetivos do estudo; ter pelo menos 01 enfermeiro entre os autores; e ter sido publicado nos últimos 10 anos.

Após o levantamento das publicações, os resumos foram lidos e analisados segundo os

critérios de inclusão/ exclusão pré-estabelecidos, que serão descritos a seguir. Uma vez selecionados para fazerem parte do corpus desse estudo, os artigos foram recuperados na íntegra e examinados com o auxílio de um instrumento de coleta de dados fornecido por Souza, Silva e Carvalho (2010). A figura 1 esquematiza a seleção dos artigos.

Uma vez selecionados os artigos para compor o *corpus* dessa revisão, eles foram submetidos à exaustiva leitura, a fim de avaliar se o artigo possuía elementos que respondessem à pergunta norteadora, e identificar os temas emergentes em cada estudo isoladamente. Depois de lidos e analisados todos os trabalhos, os temas emergentes foram agrupados em temas principais, selecionados devido à frequência de relato do tema, a fim de melhor expor os achados. Para tal empregou-se a técnica de análise do conteúdo de Bardin (2011). As categorias temáticas finais foram: “vivenciando a morte e o ato de morrer na prática assistencial”, “a morte e o morrer numa dimensão pessoal”, e “a morte e o morrer em sala de aula”.

Figura 1. Representação gráfica da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão para os artigos identificados nas bases de dados.



<p>Total de publicações aceitas para o corpus do trabalho (n=17)</p>
--

Fonte: Autor da pesquisa, 2016.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O quadro 1 dispõe o quantitativo de publicações existentes em cada combinação supracitada.

Quadro 1. Quantitativo da combinação de descritores.

Combinação dos descritores	Nº de publicações encontradas	Nº de publicações disponíveis na íntegra e em português
Estudantes de Enfermagem x Morte	348	55
Atitude frente à morte x Estudantes de Enfermagem	17	2
Atitude frente à morte X cuidado de Enfermagem	140	6
Cuidados de Enfermagem x Morte	5.492	336
Total	5.997	399

Fonte: Autor da pesquisa, 2016.

No tocante as combinações, percebe-se que a maioria das publicações estão presentes na combinação *cuidados de enfermagem x morte*, talvez tal fato seja explicado por *morte* ser o descritor em saúde mais utilizado para retratar o processo de morrer e a própria morte. Ao se aplicar os critérios de inclusão e de exclusão e eliminar os artigos repetidos na busca nas bases de dados, obteve-se 17 artigos para o corpus dessa revisão. Os artigos estão resumidos

no Quadro 2, descrevendo-os segundo autor, ano, periódico e desenho do estudo. No referido quadro, empregou-se a letra “E” - inicial da palavra estudo -, para identificar os trabalhos selecionados, de modo que pudesse ser utilizado na construção da discussão.

QUADRO 2. Descrição dos artigos selecionados segundo autor/ ano, periódico e desenho do estudo.

Estudo	Autor/ ano	Periódico	Título dos trabalhos	Objetivo	Desenho do estudo
E1	Oliveira, Brêtas, Yamaguti; 2007	Rev Esc Enferm USP	A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem	Conhecer e identificar as representações dos estudantes do curso de graduação em Enfermagem da UNIFESP, frente às questões que envolvem a morte e o morrer	Qualitativo, com base nas Representações Sociais
E2	Carvalho et al; 2006	Rev Enferm UERJ	A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de enfermagem	Desvelar o significado da morte e do morrer no cotidiano de acadêmicos de Enfermagem	Exploratório, com abordagem qualitativa
E3	Oliveira, Brêtas, Yamaguti; 2006	Rev Esc Enferm USP	Reflexões de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer	Conhecer as impressões dos estudantes do 1º ano do curso de graduação em Enfermagem da UNIFESP acerca do assunto morte e morrer	Descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa
E4	Mendonça, Souza Júnior, Correio, Santos; 2013	REFACS	O morrer para graduandos em Enfermagem: a contribuição da Psicologia	Investigar a percepção de estudantes de Enfermagem frente ao processo de morte e morrer em UTIs	Qualitativo de caráter exploratório
E5	Takahaski, Contrin, Beccaria, Goudinho, Pereira; 2008	Arq Ciênc Saúde	Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem	Identificar a percepção e os sentimentos dos acadêmicos de enfermagem no 1º ao 4º ano de uma instituição do noroeste paulista em relação à morte	Pesquisa descritiva, com abordagem quanti-qualitativa
E6	Vargas; 2010	Act Paul Enferm	Morte e morrer: sentimentos e	Identificar as condutas e sentimentos de estudantes de	Pesquisa exploratória, com abordagem

			condutas de enfermagem	Enfermagem frente a uma situação hipotética, envolvendo a morte e o morrer	qualitativa
E7	Sadala, Silva; 2009	Rev Esc Enferm USP	Cuidando de pacientes em fase terminal: a perspectiva de alunos de enfermagem	Compreender como alunos de graduação Em Enfermagem precebem-se ao cuidar de pacientes em fase terminal e expor os significados da experiência vivida	Descritivo-exploratório, com o método da fenomenologia
E8	Bernieri, Hirdes; 2007	Texto Contexto Enferm	O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer	Investigar o preparo dos acadêmicos de Enfermagem frente à representação do tema morte	Estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa
E9	Cantídio, Vieira, Sena; 2011	Invest Educ Enferm	Significado da morte e de morrer para alunos de enfermagem	Descrever o significado da morte e do morrer para os concluintes do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros	Qualitativo
E10	Oliveira, Amorim; 2008	Rev Gaúcha Enferm	A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro	Conhecer o preparo do para o enfrentamento da morte e do morrer no processo de formação do estudante de graduação em Enfermagem da UEFS	Qualitativo
E11	Lima, Nietsche, Teixeira; 2012	Rev Eletr Enf	Reflexos da formação acadêmica na percepção da morte e do morrer por enfermeiros	Compreender como os enfermeiros de uma Unidade de Clínica Médica percebem o morrer e a morte e se essa temática foi trabalhada durante a graduação	Descritivo-exploratório, com o método da fenomenologia
E12	Jardim et al; 2010	Rev Baiana Saúde Pública	O cuidar de pacientes terminais: experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular	Compreender as experiências pessoais e no campo de estágio sobre o contato estabelecido entre um grupo de acadêmicos de Enfermagem e pacientes terminais e	Qualitativo, com o método da fenomenologia

				seus familiares	
E13	Fittipaldi, Silva; 2009	Rev Pesqui Cuid Fundam (Online)	Percepções e enfrentamentos do graduando de enfermagem no cuidado ao cliente necessitado de tecnologias duras e em processo de morte e morrer em UTI	Identificar as percepções dos graduandos que cuidam de clientes necessitados de tecnologias duras e em processo de morte e morrer	Qualitativo
E14	Sales et al; 2013	Rev RENE	O processo de morte-morrer: definições de acadêmicos de enfermagem	Conhecer as definições dos acadêmicos de Enfermagem acerca do processo de morte-morrer	Descritivo, com abordagem qualitativa
E15	Benediti et al; 2013	Rev Gaúcha Enferm	Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem	Desvelar o significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem	Qualitativo, com o método da fenomenologia
E16	Santana et al; 2010	Rev Enferm UFPE online	Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre finitude em instituições hospitalares	Compreender o processo da finitude nos hospitais na percepção de acadêmicos de enfermagem	Qualitativo, com o método da fenomenologia
E17	Leina Júnior; Eltink; 2011	J Health Sci Inst	A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente	Conhecer a visão do graduando de Enfermagem sobre a morte do paciente	Descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa

3.1 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES

No tocante à população-alvo, 16 estudos foram realizados diretamente com estudantes de enfermagem, do 1º ao 9º período do curso de graduação, enquanto somente 01 estudo foi realizado com enfermeiros assistencialistas da ala de clínica médica de um hospital escola (E11). Tal fato inferi uma tendência em avaliar os impactos do processo de morrer e da morte em graduandos, talvez pelo fato de que, por ainda estarem ainda na graduação, possam ser capacitados sobre o tema no tempo restante de formação, e por serem uma população na qual os impactos são mais visíveis.

Todas as publicações empregaram à entrevista semi-estruturada como método de coleta de dados, todavia não houve disponibilização dos roteiros nos estudos. Ainda assim, não invalida o estudo pois por ser qualitativo, essa revisão prima pela compreensão da singularidade entre o sujeito-objeto, de modo a entender suas reais ansiedades no enfrentamento do processo, fortalecendo a prática baseada em evidências (CARDOSO; CEZAR-VAZ, 2012).

Percebe-se, ainda, que todos os trabalhos possuem abordagem qualitativa, com apenas um com abordagem quanti-qualitativa, com emprego de um formulário. Nenhum dos trabalhos empregou escalas validadas (p.ex., escala de medo de morte de Collet-Lester, escala de ansiedade perante a morte) para quantificar as atitudes dos discentes juntamente com as entrevistas. Nesse quesito, Venegas, Alvarado e Barriga (2011) avaliaram as características psicométricas da Escala de Medo da Morte de Collet-Lester em 349 estudantes de Enfermagem, correlacionando-a com a Escala de Atitude diante da Morte.

Todos os artigos enfatizaram a morte no contexto hospitalar e educacional, dando primazia aos estágios curriculares como cenário de vivência com a morte e o morrer. Em nenhum trabalho falou-se da morte e do morrer no cenário da saúde coletiva, da mesma forma que não foram citadas situações de cuidados ao paciente terminal no ambiente domiciliar, independente da prática do *Home Care* ou do *Hospice*.

Percebe-se que a expressão “morte” está ligada à rotina da Enfermagem médico-cirúrgica, em especial aos pacientes clínicos, - haja vista que o paciente cirúrgico não aparece nas falas dos entrevistados nem nas considerações dos autores. O “morrer”, por sua vez, é mais empregado como sinônimo para morte, não fazendo inferência ao processo postulado por Kubler-Ross (2008). Os trabalhos realizados diretamente com os discentes não deixaram claro se os pacientes assistidos eram acometidos por afecções agudas ou crônicas, somente informando que os cuidados prestados pelos estudantes eram a pacientes moribundos.

3.2 VIVENCIANDO A MORTE E O ATO DE MORRER NA PRÁTICA ASSISTENCIAL

Vivenciar o processo de morrer e a morte não é uma tarefa fácil, sendo permeada de tabus e estigmas, em especial para o graduando de enfermagem em seus primeiros passos na vida profissional. E14 e E15 veem a experiência de assistir um paciente morrer como difícil de ser compreendido, que só pode ser entendida por aquele que vivencia o processo, aquele que morre e aquele que o assistiu, causando sofrimento.

A vivência desse processo trouxe à tona definições de morte em todos os trabalhos, sendo mais presentes no E14 que tratou de conhecer as definições dos acadêmicos de enfermagem sobre o processo morte-morrer. Desse estudo emergiram as seguintes definições: processo natural; passagem para outra vida; desestrutura familiar; processo difícil de ser compreendido e aceito; perda; manifestações culturais e religiosas; crescimento; medo; evento social e coletivo; desistência/ derrota.

Outro estudo, E6, realizado com estudantes do 1º período, identificou as condutas que esses alunos teriam frente a um situação hipotética, envolvendo a morte e o morrer, identificando as seguintes condutas: uso do senso comum; tentativa de negar a situação do paciente, estimulando o doente a ter esperança na cura, na equipe médica, em Deus e desviando o assunto da conversa; e fornecendo apoio emocional e psicológico ao paciente.

O E8 afirma que os discentes necessitam do apoio de alguém nas suas primeiras experiências profissionais, para que, através desse suporte, eles consigam organizar e direcionar seus sentimentos e ações a fim de agir como enfermeiros, sendo o docente supervisor do estágio o profissional elencado pelos estudantes a fornecer esse apoio. Esse apoio parece ser indispensável quando a morte acontece nos extremos de idades.

A situação do cliente em seu ciclo vital é um determinante no enfrentamento da morte e do morrer. Os trabalhos E1, E3, E4 e E8 concordam que quanto mais jovem for o cliente, maior será a dificuldade que os profissionais terão para enfrentar o óbito. Segundo Souza et al (2013) “[...] o enfermeiro vive um conflito em relação ao significado que dá a morte da criança [...]”, devendo reconhecer a morte como uma etapa do ciclo vital, a fim de vivenciar a experiência sob um ângulo positivo e amadurecendo com as vivências.

O cuidado com a família foi relatado em boa parte dos artigos, entretanto foi mais aprofundado nos artigos E1, E7, E8, E12 e E16. Os acadêmicos sentem dificuldade em acolher, confortar e até mesmo comunicar, junto com a equipe médica, a morte do paciente à sua família, pois estão diante o conflito de se posicionar entre à dor e ao sofrimento, a

necessidade de tranquilizar os envolvidos e elaborar seu luto (SANTANA et al, 2010). Medeiros e Bonfada (2012) afirmam que a família do paciente necessita de atenção e cuidado para vivenciar os momentos do processo de forma equilibrada, todavia existe nos profissionais de enfermagem uma maior dificuldade em aceitar a morte do paciente quando a família está envolvida no processo.

Quanto ao ritual do preparo do corpo pós-morte, somente E1 faz referência ao preparo. Segundo E1, o cuidado pós-morte é um procedimento pouco presenciado nos estágios supervisionados curriculares, mas ainda sim repleto de estigmas, tabus e medos, sendo o principal impacto a percepção da própria finitude. Pinho e Barbosa (2010) afirmam que o estudante pode manifestar diversos sentimentos durante a sua realização, entre os quais pode está o nega-se a ver o corpo morto e não realizar a técnica, a depender do grau de envolvimento com o paciente. Medeiros e Bonfada (2012), em seu estudo realizado em UTI com profissionais de enfermagem, indica que o preparo do corpo é considerada a pior tarefa que é desempenhada na rotina pela Enfermagem, independente dos anos de experiência; assim, vê-se que o medo do morte e do morrer não é exclusividade do acadêmico.

3.3 A MORTE E O MORRER NUMA DIMENSÃO PESSOAL

Todos os trabalhos elencaram sentimentos manifestados pelos estudantes e por profissionais de Enfermagem diante da morte e do morrer, dentre os quais estão: medo, culpa, impotência, incompetência, tristeza, ansiedade, raiva, alívio e indiferença. O E7 informa que os sentimentos manifestados dependem, principalmente, da forma como a relação profissional-paciente estava organizada e da forma de enfrentamento pelo estudante; entretanto, alguns trabalhos aprofundam-se em discutir as causas de alguns dessas emoções.

Quanto aos sentimentos de culpa, raiva, tristeza, impotência e incompetência, E1, E4, E6, E15 e E16 concordam que eles surgem quando o discente se depara com a realidade, na qual o ser humano e a tão valorizada técnica não são onipotentes, indo de encontro ao modelo tecnicista na qual os discentes estão sendo educados.

No tocante ao medo, todo o corpus desse estudo aponta que o medo relaciona-se com a própria morte, que ocorre simbolicamente ao assistir o paciente morto. As nuances do sentimento de medo foram melhor descritas no E1, que determina 06 ramos de representação do medo relacionado à morte e ao morrer (*medo do sofrimento, medo da hospitalização, medo de ficar sozinho, medo de espíritos, medo de morrer cedo e medo de perder a figura*

parental). Para E8 e E14, o afastamento seria a defesa psíquica empregada para enfrentar as situações estressantes em que não sabemos como lidar, sendo a morte e o morrer uma delas.

Quanto ao despreparo teórico e sentimental, todos os trabalhos concordam que os discentes de Enfermagem estão despreparados para lidar com a morte. Os artigos E3, E5, E6, E7, E8, E11, E15, E16 e E17 concordam que os discentes de Enfermagem não possuem suporte teórico para lidar com a morte (p.ex., não identificam as fases do processo de morrer) ou com o paciente à beira da morte, também não recebendo o apoio psicológico necessário para falar sobre o tema, nem quando a morte é vivenciada nos estágios.

Santos e Hormanez (2013), em sua revisão integrativa, afirmam que há diversas deficiências enfrentadas pelos acadêmicos de Enfermagem ao da formação acadêmica no que concerne ao enfrentamento da morte e do morrer, fazendo com que muitos enfermeiros sintam-se despreparados ao lidar com situações que envolvam esse enfrentamento.

Quanto à primeira experiência com a morte e o morrer como profissional, o E4, em seu estudo com discente estagiários em unidade de terapia intensiva, indica que independentemente do quanto o estudante esteja preparado emocionalmente, ele irá sofrer ao assistir seu primeiro óbito. Como forma de reduzir o sofrimento do profissional, os autores defendem a inserção do psicólogo, tanto nas instituições hospitalares, como nas instituições de ensino superior sob a forma de orientação e escuta; além disso, defendem que os serviços de saúde devem criar espaços para que os profissionais expressem suas experiências frente à morte para melhor reflexão, nas quais o discente pode estar presente. A abordagem psicológica também pode ocorrer sob a forma de cursos, seminários e demonstrações de como agir na situação de morte do paciente e abordagem da família.

3.4 A MORTE E O MORRER EM SALA DE AULA

Os artigos E4, E8, E9, E10, E11 e E16, afirmam que não há espaço formal para a discussão da morte no ambiente acadêmico, seja por ausência de componentes curriculares que lidem diretamente com a morte, seja por falta de interdisciplinaridade. Para os E1, E5 e E6, essa ausência pode ser entendida como uma de a própria Instituição de Ensino Superior (IES) e os docentes recalcarem a presença da morte durante o período da graduação. No tocante aos docentes, Pinho e Barbosa (2010) indicam a necessidade de capacitação dos docentes para enfrentar o tema, seja em nível pessoal, seja em nível acadêmico e assistencial.

O E5, em sua pesquisa descritiva utilizando um questionário semi-estruturado, afirma que a morte, o cessar das funções orgânicas, é vista mais vezes nos anos finais do curso de

graduação; ainda assim, é vista de maneira negativa no decorrer do curso, sendo a manutenção do corpo vivo o ideal de assistência eficaz e de qualidade. De forma paralela, o mesmo estudo, revela que a morte não é um assunto desconhecido pelos estudantes, pois os resultados da pesquisa mostram que eles adquirem informações através de outras fontes tais como a religião, filmes, livros e apostilas. Quanto a religião, o E15 indica as crenças religiosas servem como valiosos instrumentos para lidar com a experiência da morte, atribuindo significado ao ato de morrer.

Os estudos não indicam qual o melhor momento para o tema seja abordado, todavia E2, E8 e E16 concordam que a temática deve ser abordada em todo o curso, com ênfase nos momentos que precedem os estágios curriculares.

E10, em seu estudo sobre o preparo de discentes da Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS) para enfrentar o processo de morrer e a morte, conclui que não se deve colocar toda a responsabilidade do processo de formação da graduação, pois é necessário que toda a formação familiar e o processo educacional seja repensado para que o ensino da morte seja realmente eficaz, haja vista que muitos discentes já entram na graduação em Enfermagem com mecanismos de defesa contra a morte operantes, em especial a negação da morte e valorização do salvar vidas. Entretanto, os autores entendem que a academia deve assumir o papel de (trans)formador de sujeitos pensantes e reflexivos, bem como prover condições para o estudante vivenciar a prática da assistência diante do processo do morrer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação, utilizando a pergunta norteadora dessa pesquisa foi “como os estudantes da Enfermagem Brasileira lidam com a morte e o morrer durante o período da graduação?”.

Os estudos apontam que o estudante de Enfermagem Brasileira está sendo formado despreparado para lidar com a morte e o morrer devido à carências acadêmicas e pessoais, resultando em profissionais com dificuldades ao lidar com a morte e o morrer.

Como contribuições desse estudo, sugere-se que os estudantes de enfermagem capacitem-se, teórica e emocionalmente, sobre a morte e o morrer durante a graduação, antes de entrarem nas práticas assistências nos estágios curriculares, de modo que possam melhor formular suas respostas frente ao paciente à beira da morte, melhorando a qualidade da

assistência e da vivência da experiência profissional.

Quanto às IES, indica-se a reformulação das grades curriculares a fim de abrangerem componentes curriculares que abordem a morte e o morrer, em todas as suas nuances. Tratar a morte e o morrer como temas transversais aos componentes do ciclo profissional também pode ser efetivo. Também sugere-se a realização de palestras, cursos livres e vivências de modo que o corpo discente tenha acesso ao tema. Vê-se necessário a sensibilização do corpo docente para que tais ações sejam realizadas, assim, a discussão sobre a morte e o morrer também deve estar presente nas semanas pedagógicas dos cursos de graduação em Enfermagem e nas discussões internas do colegiado acadêmico.

As discussões não se fecham no meio acadêmico, podendo essas atividades serem direcionadas aos profissionais das instituições que fornecem o ambiente de estágio para os cursos de graduação. As palestras, cursos livres e vivências podem ser realizadas nos serviços de saúde, de modo a contribuir para que o distanciamento entre o paciente à beira da morte e o profissional de enfermagem seja reduzido, melhorando a qualidade da assistência e os últimos momentos daquele que morre, além de ser uma retribuição fornecida pela IES aos serviços de saúde. Desse modo, tanto as IES e os serviços de saúde podem comungar juntos dos frutos da discussão sobre os grandes medos da humanidade, a morte e o morrer.

ABSTRACT

INTRODUCTION: The act of dying is a rite by which every living thing one day pass. It is noticed that death is not a mere biological and inevitable event, but a socially constructed process, with direct implications for the dying, his family and those who watch. **OBJECTIVE:** to analyze the students of Brazilian Nursing deal with death and dying during the graduation period. **MATERIALS AND METHODS:** This is an integrative literature review, qualitative, descriptive and exploratory approach, whose search was conducted in the Virtual Health Library site in the databases LILACS, MEDLINE, BDENF and Index Psychology, according to criteria inclusion and exclusion previously defined. **RESULTS:** we obtained 17 articles, of which, after thorough reading and analysis according to Bardin, were obtained 03 thematic categories, which are: "living the death and the act of dying in care practice," "death and dying in a dimension personal "and" death and dying in the classroom". **CONCLUSION:** The

Brazilian Nursing student is being formed unprepared to deal with death and dying due to academic and personal needs, resulting in professional difficulties in dealing with death and dying.

Keywords: Nursing Students; Death; Attitudes towards death.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sistema de informação sobre mortalidade**.

Disponível em: < <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/mortalidade>>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

BENEDITI, G. M. S. et al. Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 34, n.1, p. 173-79, 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v34n1/22.pdf> >. Acesso em 06 de maio de 2016.

BERNIER, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto & contexto enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 1, jan./mar., p. 89-96, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a11v16n1> >. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

CANTÍDIO, F. S.; VIEIRA, M. A.; SENA, R. R. Significado da morte e de morrer para alunos de enfermagem. *Invest educ enferm*, [S.I.], v. 29, n. 3, p. 407-18. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v29n3/v29n3a09.pdf>>. Acesso em 06 de janeiro de 2015.

CARDOSO, L. S.; CEZAR-VAZ, M. R. Pesquisa qualitativa em enfermagem: seu objetivo de intervenção. *Rev Rede de Cuidado em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, 2012. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.br/index.php/rcs/article/viewFile/1192/839>>. Acesso em 26 de janeiro de 2016.

CARVALHO, L. S. et al. A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de enfermagem. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 551-7, out./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v14n4/v14n4a10.pdf>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

FITTIPALDI, A.; SILVA, C. R. L. Percepções e enfrentamentos do graduando de enfermagem no cuidado ao cliente necessitado de tecnologias duras e em processo de morte e morrer em UTI. *Rev. Pesqui. Cuidad. Fundam.* (on line), Rio de Janeiro, v.1, n. 1, mai./ago., 2009. Disponível em: < <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/270>>. Acesso em 05 de maio de 2016.

JARDIM, D. M. B. et al. O cuidar de pacientes terminais: experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular. **Rev Baiana Saúde Pública**, Salvador, v. 34, n.4, p.796-809, out./dez., 2010. Disponível em: < <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n4/a2171.pdf> >. Acesso em 05 de maio de 2016.

JUNIOR, L.; ELTINK, C. F. A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente. *J Health Sci Inst.*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 176-82, 2011. Disponível em: < http://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2011/03_jul-set/V29_n3_2011_p176-182.pdf >. Acesso em 03 de maio de 2016.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIMA, M. G. R.; NIETSCHE, E. A.; TEIXEIRA, J. A. Reflexos da formação acadêmica na percepção da morte e do morrer por enfermeiros. *Rev eletrônica enfem*, Goiânia, v.14, n.1, p. 181-8, jan./mar., 2012. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n1/pdf/v14n1a21.pdf>. Acesso em 06 de janeiro de 2016.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa par a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758 – 64, out./ dez., 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf> >. Acesso em 20 de agosto de 2015.

MEDEIROS, Y. S. F.; BONFADA, D. Refletindo sobre finitude: um enfoque na assistência de enfermagem frente à terminalidade. *Rev RENE*, Fortaleza, v. 13, n. 4, p. 845-52. Disponível em: < <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1079/pdf>>. Acesso em 07 de maio de 2016.

MENDONÇA, G. A et al.. O morrer para graduandos em Enfermagem: a contribuição da Psicologia. REFACS, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 24-33, 2013. Disponível em: < <http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/492/pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

MOTA, M. S. et al. Reações e sentimentos de profissionais de enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 129-35, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n1/a17v32n1.pdf> >. Acesso em 15 de junho de 2015.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer. Rev Esc Enferm USP, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 477-83, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a04.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. Rev Esc Enferm USP, São Paulo, v.4, n.3, p. 386-94, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/07.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

OLIVEIRA, E. A.; SANTOS, M. A.; MASTROPIETRO, A. P. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. Psicologia em estudo, Maringá, v. 15, n. 2, p. 235 - 44, abr./ jun., 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a02v15n2.pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

OLIVEIRA, W. I. A.; AMORIM, R. C. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 191-8, 2008. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/5580/3191>>. Acesso em 15 de junho de 2015.

PINHO, L. M. O.; BARBOSA, M. A. A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer. Rev Esc Enferm USP, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 107-12, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a15v44n1.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

SADALA, M. L. A.; SILVA, F. M. Cuidando de pacientes em fase terminal: a perspectiva de alunos de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 287-94, 2009.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a05v43n2.pdf> >. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

SALES, C. A. et al. O processo de morte-morrer: definições de acadêmicos de enfermagem. *Rev RENE*, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 512-30, 2013. Disponível em: <

http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/11623/1/2013_art_casales.pdf >. Acesso em 06 de maio de 2016.

SANTANA, J. C. B. et al. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre finitude em instituições hospitalares. *Rev Enferm UFPE on line*, Recife, v. 4, n.1, jan./mar., p. 165-72, 2010. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/685/pdf_307>. Acesso em 04 de maio de 2016.

SANTOS, M. A.; HORMANEZ, M. Atitudes frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão integrativa da produção científica da última década. *Ciênc saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2757-68, 2013. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a31.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

SOUZA, L. F. et al. Morte digna da criança: percepção de enfermeiros de uma unidade de oncologia. *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 30-7, 2013. Disponível: <

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n1/a04v47n1.pdf>>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-6, 2010. Disponível em: <

http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2015.

SUSAKI, T. T.; SILVA, M. J. P.; POSSARI, J. F. Identificação das fases do processo de morrer pelos profissionais de enfermagem. *Acta Paul Enferm*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 144-9, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a04v19n2.pdf> >. Acesos em 01 de dezembro de 2015.

TAKAHASHI, C. B. et al.. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. Arq Ciênc Saúde, São José do Rio Preto, v. 15, n.3, jul./set., p. 132-8, 2008. Disponível em: <http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-15-3/IDN295.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

VARGAS, D. Morte e morrer: sentimentos e condutas de enfermagem. Acta paul enferm, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 404-10, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n3/v23n3a15.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

VENEGAS, M. E.; ALVARADO, O. S.; BARRIGA, O. Validação de escala de medo da morte de Collet-Lester em uma amostra de estudantes de enfermagem. Rev latinoam enferm, São Paulo, v. 19, n. 5, set./out., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt_15.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.